

## **A Cena Etnográfica da *Fecheção*: Performances de Homens Negros *Viados de Fanfarra* na Bahia<sup>1</sup>**

Vinícius Santos da Silva (UFRB)<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo é resultado preliminar da pesquisa etnográfica sobre balizadores negros de fanfarra na Bahia. Suas performances culturais são caracterizadas pela transgressão à rigidez corpórea atribuída a papéis masculinos, sobretudo, intensificada pelo fator racial. Mesmo assim, as agências performativas causam efeitos contrários à ojeriza ou rejeição generalizada de quem assiste ao espetáculo, ou seja, os atos desses corpos negros dissidentes são altamente valorados pela audiência. Levando em consideração a estrutura ampla das relações sociais brasileiras, os marcadores da diferença destes jovens negros dissidentes e pobres, os colocariam em posições desfavoráveis no cotidiano, porém, no momento do ato performático eles assumem temporariamente outro status, como “seres de extraordinário poder”. O interesse motriz desta pesquisa é compreender como os “viados de fanfarra” significam suas performances entre a vida performada e o ato performático ao etnografar o espetáculo mais proeminente, o Desfile Cívico de Dois de Julho de Salvador. Assim, refletiremos o ordenamento das dinâmicas sócio rituais presentes nesta cena etnográfica da *fecheção*, até hoje não analisados.

**Palavras-chave:** Performances, Fanfarra, Bahia.

### **Introduzindo a investigação**

Na sociedade brasileira, historicamente marcada pelo patriarcado colonial, estruturada com base no racismo e regida pelo heterossexismo, assistimos às manifestações dos desfiles cívicos na Bahia. O tradicional espetáculo de rua herdado dos rituais militares é marcado pela composição de fanfarras e bandas marciais – grupos musicais itinerantes que integram blocos com homens negros que desenvolvem performances de intensidade caricaturais aos signos femininos e com altas doses de extravagância.

A performance desses homens negros balizadores e mores de fanfarra é caracterizada pela transgressão à rigidez corpórea atribuída a papéis masculinos, sobretudo, intensificada pelo fator racial. Mesmo assim, essas performances causam efeitos contrários à ojeriza ou rejeição generalizada de quem assiste ao espetáculo. Ou

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

<sup>2</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (PPGCSC/UFRB). Integrante do Grupo de Pesquisa Corpo, Socialização e Expressões Culturais (ECCOS). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Pesquisa orientada pelo Prof. Dr. Wilson Rogério Penteado Júnior.

seja, o ato desses corpos negros dissidentes, também entendidos como “agenciamentos” performativos - inspirados na noção de agência do sujeito social (GIDDENS, 2003) - são altamente valorados pela audiência<sup>3</sup> que assiste e cria expectativas em torno dessas apresentações. Este é um fenômeno paradoxal, compreendido sob a noção de antiestrutura social, que consegue suspender temporariamente “regras” relacionadas a comportamentos ideais aos papéis de gênero e estigmas das hierarquias raciais nas expressões culturais de rua na Bahia.

No espelho da antiestrutura, figuras vistas como estruturalmente poderosas podem mostrar-se como sendo extremamente frágeis. Inversamente, personagens estruturalmente frágeis transformam-se em seres de extraordinário poder [...] Entidades ambíguas ou anômalas, consideradas como sendo estruturalmente perigosas, energizam circuitos de comunicação atrofiados. (TURNER 1969, p. 94-130 *apud* DAWSAY, 2005, p. 166).

No exemplo empírico que se relaciona ao pensamento de Turner, os balizadores de fanfarra, ou para melhor contemplação êmica, “viados de fanfarra”<sup>4</sup>, são em sua vasta maioria jovens homens negros oriundos de comunidades pobres no interior da Bahia. Ou seja, levando em consideração a estrutura ampla das relações sociais brasileiras, estes marcadores de diferença os colocariam em posições desfavoráveis no cotidiano. Porém, no momento do ato performático do desfile cívico eles assumem temporariamente outro status, como “seres de extraordinário poder” (ibid).

Desta forma, o interesse motriz desta pesquisa é compreender como os balizadores de fanfarra significam suas performances entre a vida performada e o ato performático e analisar os efeitos destas agências em suas relações sociais<sup>5</sup>. Porém, dado ao modelo do projeto deste livro, delimito ao textualizar a cena etnográfica do espetáculo mais proeminente dessas expressões, o Desfile Cívico de Dois de Julho de Salvador. Assim, tentarei trazer reflexões sobre o ordenamento das dinâmicas sócio rituais presentes nesta cena protagonizada por homens negros dissidentes na Bahia, até hoje não analisados.<sup>6</sup>

---

<sup>3</sup> Termo utilizado por Richard Schechner (1985) em seus estudos sobre performances, referindo-se ao público que assiste e ao mesmo tempo interage com o ato.

<sup>4</sup> No campo do Desfile Cívico de 25 de Junho em Cachoeira/Ba em 2018, Vilmar da FANCERG diz que ele não é mór. “*Ser mór é muito padrão, muito sério, muito formal. Eu gosto de ser dançante, não sou mór, sou dançante*”, afirma. Ao relatar minha dificuldade de nomear consensualmente, Vilmar traça uma linha ao dizer que não se importa de ser chamado de “*viado de fanfarra*”, já que é assim que todos chamam os balizadores. Ver problematizações desta categoria na dissertação que origina o artigo.

<sup>5</sup> A pesquisa que originou este artigo está ancorada nas perspectivas antropológicas interpretativista, aderindo a uma descrição densa (GEERTZ, 2008). Além de embasada em conceitos de aparições coloniais, inspirados nos estudos Fanonianos (FANON, 2008) e de performatividade de gênero (BUTLER, 2003).

<sup>6</sup> Existem muitos estudos sobre desfiles cívicos, balizas, pelotões coreográficos, numa perspectiva da História e dos Estudos de Dança e Artes (CABRAL, 2012; CAMPOS, 2008; CARVALHO, 2004;

## Quem são e onde estão os balizadores de fanfarra?

Os rituais dos desfiles cívicos foram tradicionalmente concebidos em moldes militares, no período histórico da exacerbada exaltação do ufanismo e positivismo sobre o projeto inicial republicano de país<sup>7</sup>. Eles atuam com normas regulatórias bem instituídas para exibição pública, logo, também constroem normas de enquadramento às ações corpóreas dos sujeitos durante seu percurso, com o desempenho de movimentos engendrados, transparecendo seriedade e alto grau disciplinar, lógica que reforça o imaginário da normatização de gênero masculina.

As práticas dos desfiles cívicos e como eles aconteciam foi um instrumento do Estado para a efetivação do processo de elaboração do culto ao civismo, com o propósito de contribuir para a formação do homem integrado. O controle sobre a escola e sobre seu currículo era fundamental para evitar qualquer subversão contra o governo do Brasil. Os militares pretendiam formar cidadãos que se adequassem à sociedade em que estavam vivendo, garantindo ao governo autoritário e às elites dominantes a permanência no poder e a garantia da continuidade do seu *status quo*. Este procedimento remete à concepção positivista, utilizada desde o início da República Brasileira”. (OLIVEIRA, 2013, p. 06)

Ao passar do tempo, os desfiles cívicos sofreram diversas modificações resultantes das disputas e esquemas para sua manutenção, recorrendo à “plasticidade, garbo, ritmo, sequências coreográficas, adereços, entre outros, a fim de dar não só prestígio às apresentações, mas também de quebrar certos padrões de postura, regras de conduta e identificação” (CABRAL, 2012, p.13).

Processualmente, essas modificações resultaram na distinção entre os três tipos de desfiles: desfiles militares, desfiles cívicos e desfiles temáticos. A cena etnográfica do Dois de Julho de Salvador revela-se nos desfiles cívicos, caracterizados por uma desenvoltura menos rígida, mas com vestígios de estilo e postura militar. Esses desfiles acontecem, predominantemente, nos vários municípios do Estado da Bahia. O espetáculo do Dois de Julho de Salvador marca a data de comemoração à Independência da Bahia e, sem dúvida, é uma das maiores manifestações cívicas e culturais do estado, onde os “viados das fanfarras”<sup>8</sup> mais prestigiados e premiados atuam.

---

GERMANO, 2000, OLIVEIRA, 2013) mas não existem estudos acadêmicos que foquem a investigação nas funções exercidas por performers homens e, sobretudo, negros.

<sup>7</sup>Ver em CARVALHO, J. M. de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

<sup>8</sup> É interessante destacar que nem todos os balizadores e mores de fanfarra se identificam como “viado de fanfarra”, sendo este usado apenas por Vilmar. Porém, nos critérios utilizados para escolha dos interlocutores de campo da dissertação que originou este artigo, a vocação da audiência chamando o

Com a intenção de localizar geograficamente os sujeitos nos desfiles cívicos, observamos que, geralmente, os balizadores de fanfarra estão posicionados na linha de frente das corporações, entre porta-bandeiras e estandartes. Atualmente, eles podem circular no meio de toda corporação e sua função é executar elementos da ginástica rítmica (GR), trazendo elegância para as apresentações. Os mores estão localizados apenas à frente da corporação musical da fanfarra, com atribuição de carregar o bastão, comandar os movimentos dos músicos, conduzir a banda em movimento e executar a regência musical. Porém, essas organizações são reelaboradas a depender da dinâmica e das disputas internas de cada fanfarra.

As ressignificações da presença dos balizadores e mores na corporação são constantes. Geralmente, as mulheres possuem funções tradicionais, sendo as balizas responsáveis por proporcionar graça e carisma para o público (CAMPOS, 2008) e os mores devem reger e organizar simetricamente os componentes musicais. Entretanto, com a presença dos “viados de fanfarra”, hoje estas funções não se mantêm estáticas; há uma outra representação atribuída aos balizadores. Eles assumem papéis de protagonismo e destaque no cortejo; usando de termo êmico, os balizadores buscam *fechar!*<sup>9</sup>.

### **A que este artigo se propõe?**

Podemos supor que a sedução provocada por estes corpos negros discordantes problematiza as noções de masculinidade racial e as normas heterossexuais de composição dos corpos na estrutura social brasileira. Do ponto de vista da audiência no ato performático, estas controvérsias se apresentam como uma troca de significados mútuos. As interpretações de um campo inicial como este buscam compreender os significados dispostos neste universo etnográfico, considerando a análise a partir de categorias analíticas interseccionadas entre raça e gênero.

Apresentaremos a incursão no campo a fim de construir a “cena etnográfica” do universo em questão. Para isso, exploraremos o desfile cívico mais significativo e relevante da Bahia: O Dois de Julho em Salvador, onde as maiores fanfarras da Bahia se encontram para esta celebração anual. O maior desfile cívico no centro da maior capital

---

balizador de “viado”, seguida da receptividade do balizador, nos fez perceber que para estes há uma identificação positiva do termo.

<sup>9</sup> Termo utilizado por um homem negro chamado “Cirilo” balizador no documentário “Balizas Encenam” de 2010. Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social da UFRB de Caio Barbosa e Tamires Peixoto, orientado pela Profa. Leila Nogueira.

da região Nordeste do país é marcado pela aparição cênica dos “viados de fanfarra” atrelada às simbologias das lutas da Independência da Bahia.

As dinâmicas sociais amplas e complexas, emaranhadas de conflitos e tensionamentos decorrentes das ordens sociais regulatórias, fazem desta pesquisa uma potente investigação num campo ainda quase inexplorado, revelando percepções densas de todo um território frutífero, com múltiplas possibilidades sociais de produção da cultura. O ensaio recorre à observação participante e textualização das experiências vividas, convidando a quem ler esta etnografia adentrar no espetáculo dos balizadores de fanfarra da Bahia.

### ***Independence Day*<sup>10</sup>: a preparação do ato no Dois de Julho de Salvador**

O campo já começa na expectativa, navegando pelas redes sociais à procura de balizadores de fanfarra, organizadores e demais participantes do Desfile de Dois de Julho de Salvador. Esse espetáculo proeminente é mais que um simples desfile cívico, é um programa festivo que espetaculariza a construção de uma identidade baiana de luta e protagonismo heroico no âmbito nacional, sendo uma das maiores festas populares do calendário cultural do Estado da Bahia (SECULT/BA, 2010).

Dois dias antes do desfile cívico, fui adicionado no grupo de aplicativos de mensagens *WhatsApp* utilizado para contactar participantes de fanfarras. Intermediado pelo balizador Diego Menezes da cidade de Conceição da Feira no Recôncavo da Bahia, consigo agendar com um ex-mór de fanfarra para encontro durante o desfile. Informo que estarei no Beco do Rosário ou “pipoca do cantor Saulo da Banda Eva”, como me informa Márcio<sup>11</sup> – antigo mór de fanfarra e agora diretor técnico dos jurados da Associação Cultural de Bandas, Fanfarras e Filarmônicas da Bahia (ACBFFB) – meu contato de colaboração mais significativo no grupo do aplicativo de mensagens.

Hugo Mansur, frequentador assíduo do Dois de Julho de Salvador e grande entusiasta da pesquisa, também me orientou em ficar no Beco do Rosário desde quando realizei o campo do Desfile Cívico de Sete de Setembro, no ano anterior<sup>12</sup>. Segundo Márcio e Hugo, o Beco do Rosário é onde o *viadeiro* se encontra para esperar os

---

<sup>10</sup> O título do capítulo faz referência a matéria que influenciou a escolha do objeto de estudo, publicada no portal de notícias LGBT “Dois Terços” do jornalista e ativista Genilson Coutinho, em 2016. Intitulado originalmente de “Independence Day: Balizas Fazem a Festa da Comunidade LGBT no 2 de Julho”.

<sup>11</sup> Márcio está no elenco do documentário “Balizas Encenam” de 2010. Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social da UFRB de Caio Barbosa e Tamires Peixoto, orientado pela Profa. Leila Nogueira.

<sup>12</sup> Ver notas etnográficas da experiência no decorrer da pesquisa.

balizadores se apresentarem. Pensando numa geopolítica performática do circuito, percebo que há um ponto, um lócus dinâmico de sociabilidade compartilhado por homens gays intitulados como *viadeiros*, onde a expectativa sobre a performance dos balizadores é o que move toda a organização<sup>13</sup>.

Neste dia em Salvador é feriado e também jogo da Seleção Brasileira na Copa do Mundo da Rússia de 2018. Chego ao ponto de concentração, observo de longe dois rapazes feminilizados se aproximarem do regente da fanfarra estacionada na praça, um homem negro alto e musculoso que está auxiliando na distribuição dos instrumentos para os músicos, no porta malas do ônibus. Os dois rapazes falam algo com expressões esnobes e escrachadas e saem rebolando em direção à Praça Municipal, de onde o desfile cívico partirá. Sigo na direção deles, mesmo de longe. Quero falar com eles! São os primeiros potenciais balizadores que percebo. Não me atrevo a afirmar que são balizadores, afinal estão desmontados, sem fantasia; podem não ser, inclusive. O que aciona o interesse de segui-los é a feminilidade do comportamento, destoando dos outros meninos músicos que continuam a organizar os instrumentos.

Este primeiro contato é mágico e numa saciedade de pesquisa, pego minha caderneta de campo e questiono: o que esses rapazes têm a oferecer durante esse espetáculo cívico? Iremos a fundo.

Andando em via retilínea ao desfile, deparo-me com mais fanfarras no cortejo. De repente, logo à frente, na primeira ala, aparece o Pastor Sargento Isidório. Conhecido no cenário público baiano, Isidório é um personagem político e religioso caricato à moda fundamentalista baiana e auto proclamado ex-gay. No desfile, ele lidera uma equipe de homens ex-moradores de rua e ex-usuários de drogas, todos enfileirados, simulando um pelotão militar. Um espetáculo moral à parte!<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> Durante momentos da pesquisa original me refiro a “balizadores” e outros momentos “balizas”. Isso se dá devido ao não consenso de nomenclatura entre os colaboradores de campo. Nos primeiros cadernos de campo, utilizei o termo “balizas”, porém me custou caro a flexão do gênero. Considero pertinente relatar a interpelação de Jhonatas da Banda Marcial do Acupe de Santo Amaro/BA (BAMAC) quando me aproximo dele no Desfile Cívico de Cruz das Almas/BA e me apresento como pesquisador de balizas. Ele me interrompe imediatamente e diz “Eu não sou baliza, sou balizador”. No momento, percebi que Jhonatas estava reivindicando uma masculinidade e que se mostrava desgostoso pela pertinente associação de seu ofício à feminilidade. Ver etnografia na dissertação original sobre os princípios e operações das identidades.

<sup>14</sup> No campo do Desfile Cívico de Sete de Setembro em Salvador, numa das primeiras interações com a audiência, recebi um folheto das mãos de um ativista político do autoritário pré-candidato à Presidência da República e Deputado Federal Jair Bolsonaro. No folheto estava escrito “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. Percebo o civismo em sua maior caricatura da exacerbação da normatividade compulsória e as margens de um discurso fascista (TIBURI, 2015) consegue disputar espaço com a

Isso ilustra o poder simbólico que o desfile cívico exerce sobre a política das representações e o convencimento do discurso perante a sociedade. O desfile torna-se um espaço de reivindicações políticas de diversas ordens, onde o chamamento é o caráter alegórico das representações do real. Isidório está defendendo um modelo de homem social integrado, valorando a forma militar como propulsora do ordenamento das relações de vida, capaz de nortear princípios morais e éticos com decalque ao proselitismo religioso protestante. Assim o faz através de um voluptuoso espetáculo de homens organizados em fileiras, com palavras de ordem de rigor e impacto de cena “assim podemos abstrair de uma performance cultural uma estrutura genérica de cultura nas relações que persistem entre o meio, os textos, os temas e os centros culturais”. (SINGER, 1974, p. 8 *apud* CAMARGO, 2011, p. 21).

Nesse sentido, percebo que, assim como Isidório no reforço e integração às normas ortodoxo-religiosas militares de respeito e civismo, os balizadores também trazem potências simbólicas às suas performances, desintegrando regras sociais de comportamento e conduta e afirmando seus corpos politicamente importantes em presenças marcantes, porém, não como uma estrutura genérica, conforme aponta Singer. Venho adquirindo a compreensão, conforme as análises de campo, que as significações das performances na vida dos balizadores são materiais e reverberam de maneira incisiva nas sociabilidades e compreensões de mundo. São problematizações que trago na dissertação original a este artigo.

Continuo caminhando da Praça Castro Alves em direção ao Beco do Rosário. É lá, nessa particularidade do cortejo, que mais me interessa. É lá onde os *viadeiros* se encontram para fazer *viagem* impulsionados pelos balizadores. Numa celebração tão complexa como o Dois de Julho de Salvador, o momento mais importante e que infelizmente não se encontrava na programação oficial dos jornais e revistas<sup>15</sup>, está no Beco do Rosário. No caminho, encontro com os amigos Bruno Almeida e Effson, ambos do Movimento LGBT. Bruno, como o Hugo, também muito entusiasta com a pesquisa, desvia de seu curso original para me levar até o Beco do Rosário.

---

exacerbação da contra-norma das performances dos balizadores. O desfile cívico é a performance como uma caricatura do real para reintegração ou desintegração simbólica do ideal de homem integrado.

<sup>15</sup> A matéria intitulada “Concurso de Fachada do 2 de Julho é retomado” de Anderson Sotero, publicada no Jornal A Tarde em 01 de Julho de 2018 (jornal de maior circulação na Bahia), trazia uma breve programação dos festejos de Dois de Julho, indicando inclusive paradas do cortejo. Porém, não havia menção ao Beco do Rosário.

No caminho, vou conversando sobre a pesquisa e peço para tirar uma foto com eles. É notório o orgulho de Bruno. “[...] *uma prova para sua crença de que aqueles corpos de jovens LGBTQI+ vai além da fechacão*”, um pequeno trecho em homenagem de Bruno em sua rede social no dia seguinte ao desfile. Bruno classifica os balizadores como pertencentes a uma comunidade, se sentindo reconhecido por ter um pesquisador como eu analisando o fenômeno com afinco político. É um ponto de contato interessante que me chamou atenção, dada as referências de nossas identidades como homens negros e gays em interfaces aos balizadores<sup>16</sup>.

Chego no Beco do Rosário<sup>17</sup>, onde Bruno me apresenta a algumas pessoas. Dos muitos, são poucos os quais não conheço. A maioria são rostos apreciáveis do movimento LGBT, do qual faço parte, e dos carnavais de Salvador atrás do trio elétrico de Daniela Mercury<sup>18</sup>. No beco colorido, onde a comunidade misturava as bandeiras das cores do arco-íris com o verde amarelo do civismo brasileiro, encontro o ex-mór agendado no *WhatsApp* para a conversa. Márcio se aproxima logo me perguntando sobre a pesquisa, conversamos muito sobre a performance de balizadores e as suas experiências, agora, como diretor técnico dos jurados da ACBFFB. Em dado momento da conversa, reitera o que todos já me disseram “*É aqui aonde a fechacão acontece!*”, diz Márcio.

Pergunto a Márcio sobre a opinião dele frente às performances dos balizadores. Uma pergunta estratégica, já que no documentário “Balizas Encenam” ele se mostrou contrário às feminilidades demonstradas pelas performances dos balizadores nos desfiles e campeonatos, chegando a falar num dado momento do documentário o seguinte

Eu não discordo de homem exercendo função de baliza. Mas discordo, me perdoe o termo, da viadagem exacerbada que eles, homossexuais, quando estão na posição de baliza, infelizmente, trabalham. No excesso do figurino, do excesso do adereço, no excesso das coreografias. (Márcio Cidreira. Documentário Balizas Encenam, 2010).

---

<sup>16</sup> Desenvolvo na dissertação original a este artigo uma espécie de rede de contato, inspirados nas redes de amigos de amigos, unidos por laços de solidariedade (VALSEN, 1987), apontando rizomas políticos de afeto entre o eu-pesquisador e os balizadores de fanfarra, problematizando as noções de “neutralidade” e os limites intersubjetivos da pesquisa.

<sup>17</sup> O Beco do Rosário é um ponto LGBT de Salvador na tangente de uma das esquinas da Avenida Sete de Setembro, percurso oficial do Desfile Cívico de Dois de Julho de Salvador. Leva esse nome por estar localizado ao lado da Igreja do Rosário e é ponto obrigatório de parada dos trios elétricos no Carnaval de Salvador, sobretudo entre cantoras consumidas por esse público, como Daniela Mercury, Cláudia Leitte, Aline Rosa e outras.

<sup>18</sup> Daniela Mercury é proeminente cantora baiana, com mais de 30 anos de carreira consolidada no cenário artístico e ativismo político. Todo o ano percorre com trio elétrico próprio o Carnaval de Salvador. Seu bloco tradicional denominado “Pipoca da Rainha” é o que mais agrega pessoas LGBT.



Hoje, Márcio diz que mudou e não se importa mais negativamente com as performances. Neste momento, me mostra uma foto dele montado de mór, acompanhado de seu irmão que se traveste de mulher apenas para desempenhar a função de baliza na fanfarra. Fala da importância da ACBFFB para lidar com as performances “exacerbadas” aos signos caricaturais e femininos, elogiando o perfil mais permissivo e conciliatório da referida associação, e critica a Associação de Fanfarras da Bahia (AFAB) por, de certa forma, ainda manter uma relação muito conflituosa com a presença de homens desenvolvendo performances de balizas<sup>19</sup>.

Porém, nestas flexões de função/gênero existem fortes divergências, como já experienciado por Jhonatas (caso que relatei nos últimos rodapés deste texto), nem todo balizador de fanfarra quer ser chamado de baliza, no feminino. Eles, apesar de abusar de androgenia exacerbada aos signos femininos no momento do espetáculo, muitos reivindicam para si um reconhecimento masculino, querendo ser tratados com flexão de gênero masculina. Assemelha-se à ideia do conceito de “feminilidade estratégica”, empregado ao estudar o culto de religiões afro-brasileiras com distinções litúrgicas condicionadas ao gênero (CONCEIÇÃO, 2011).

Através do Desfile Cívico de Dois de Julho, escolhi os balizadores que serão os interlocutores de campo direto da pesquisa. Afinal, analisar a performance e as aparições dos balizadores como meras efemeridades ou excentricidades provocam a “folclorização” demasiada desses sujeitos e esvazia a proposta emancipatória dos rizomas políticos da pesquisa. De modo simples, caminho para narrar a cultura pela perspectiva do nativo, falar com os balizadores e não sobre eles.

O lugar político das performances será marcado pelas vozes e perspectivas dos balizadores de fanfarra, que terão nome, sobrenome e existências. Pretendo compreender as significações transversais das performances e como essas condições emaranhadas de sentidos desdobram-se sobre suas vidas cotidianas. Para selecionar

---

<sup>19</sup> Em 2010, a AFAB proibiu a participação de homens performando como balizas nos concursos promovidos pela associação. A decisão gerou polêmica entre ativistas e intelectuais, e o Grupo Gay da Bahia (GGB), através de Luís Mott e Marcelo Cerqueira, tentou recorrer à normativa, alegando medida discriminatória contra gays. Em 2012, o debate ganhou notoriedade no meio acadêmico quando o pesquisador Leandro Colling (UFBA) lançou uma crítica no Jornal iBahia intitulado “Em defesa da *fechão*”; desde então, o conflito é pertinente na AFAB. Tanto que, em 2017, a transexual Melyna Santos foi proibida de representar a FAMASTER de Ruy Barbosa/BA numa etapa do concurso anual em Santo Amaro/BA como baliza, pois o regimento do concurso não permitia que “homens se vestissem de mulher”. Millena Passos, da Associação de Travestis de Salvador (ATRAS), recorreu à decisão dentro da própria organização.

esses interlocutores que direcionarão a investigação, utilizei o critério da *churria*<sup>20</sup>, os balizadores mais *churriados*, ou seja, os de maior destaque e interação na passagem do Beco do Rosário serão os convidados para o desenvolvimento aprofundado desta pesquisa.

### **A *Fechação* vai começar: a performance propriamente dita**

Quando o desfile se aproxima do Beco do Rosário, uma *persona* bicha preta chamada Hilda Furacão<sup>21</sup> vai ao meio da rua, põe o bastão para o alto, com voz alta e imponência, ao som de muita *churria*, anuncia: “*É agora. A fechação vai começar!*”

Eis que aparecem os primeiros balizadores de fanfarra! Trajando roupas justas ao corpo, de cor preta e com muitos detalhes prateados, os balizadores são homens negros, retilíneos e muito simpáticos que encaram a audiência, numa performance de visível troca de interação. A audiência, não satisfeita em ficar no espaço delimitado por Hilda, que tem a função de “organizar a *fechação*”, avança ao centro do espaço performático. Porém, recuam pelas advertências da própria Hilda, preocupada para que haja espaço para que a *fechação* aconteça. Essa é uma característica típica da geografia do Dois de Julho no Beco do Rosário; a *fechação* não fica apenas por conta dos balizadores, a audiência divide o espaço no reconhecido ato de sociabilidade entre pares.

Imediatamente, com desempenho garboso e dançante, vejo um menino negro, aparentando ter por volta de dezesseis anos de idade, conduzindo o grupo do pelotão coreográfico da fanfarra. Guilherme, essa “criança viada” (GONZATTI; MACHADO, 2018), pequeno, com roupas coladas ao corpo, maquiagem colorida e sofisticada disposição de glitter no rosto, faz o *viadeiro* ir ao delírio. Chegam ao ponto de algumas pessoas da audiência saírem dos espaços demarcados por Hilda para erguê-lo aos céus, no gesto emocional de reconhecimento e orgulho da *fechação* prematura de Guilherme.

Em dado momento, eis que ela se destaca antecipadamente, antes da chegada ao Beco do Rosário. Lá vem a Banda Marcial da Palestina (MASP Show) com o balizador negro Reinaldo Brito, vestido de *legging* preta, camisa de *lycra* branca e totalmente

---

<sup>20</sup> *Churria* é uma categoria êmica que nomeia os ovacionamentos da audiência, seguidos da interação dos balizadores, durante o momento da performance, denominado pelos interlocutores como *fechação*. São gritos, pulos, palmas e incentivos para os balizadores darem tudo de si no momento do espetáculo, atendendo de forma satisfatória a aclamação.

<sup>21</sup> Hilda Furacão é pessoa conhecida entre frequentadores de festas de rua LGBT em Salvador. É figura cativa das Terças de Gerônimo no Centro Histórico de Salvador e acompanhou o cantor em shows pela Bahia, performando a marcante música “Direito do Viado”. Assista a apresentação em Santo Amaro em 2013 em vídeo no Youtube: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZIpaYUxChM8>>

contornado de pedrarias em prata e dourado. É um esplendor sua desenvoltura! Extremamente *churriado*! Quanto mais *churria*, mais interação, beijos, inclinações para a platéia. O sorriso no rosto de orelha a orelha.

O público do Beco do Rosário participa da *fechação* do ato, integrando-se a Reinaldo e reproduzindo suas coreografias, *fechando* junto ao balizador. É uma grande festa! Os *viadeiros* querem dividir espaço entre os balizadores, e se torna uma simulação de disputa amigável. Entre escrachos, palmas e beijos, Reinaldo consegue suscitar em meu olhar um misto de intriga e satisfação. A forma com que ele interage com a audiência denuncia que já faz daquele espaço um local corriqueiro. A audiência dá muita *churria*, ao ponto de se tornar ensurdecador, e quanto mais ele recebe, mais se doa à performance, com acrobacias, sorrisos, ornando seu desempenho com leves mãos movimentadas ao balanço do ar. Sensualidade, garbo, simpatia e ousadia. Reinaldo *fecha*!

Já é noite na Avenida Sete, cortado ao trecho do Beco do Rosário. Sigo no sentido contrário do desfile, a fim de certificar-me quantas fanfarras restam passar. Aproximo-me de um grupo musical de cor laranja; Ícaro Querino está sentado no chão, buscando forças para o grande momento final do cortejo. “*É lá onde os viadeiros estão. Estou chegando!*”, diz Ícaro quando digo que estarei esperando sua apresentação no Beco do Rosário.

Ícaro, assim como Reinaldo, *fecha*! O *viadeiro* estava eufórico nas *churrias*. Ícaro se desprende das coreografias e realiza diversas acrobacias. Homens pegam em sua nádega voluptuosa com consentimento. Ícaro, assim como todos os balizadores, esbanja atributos sexuais, é um corpo totalmente esculpido e, devido à *legging* justa, se torna protuberante o formato roliço e volumoso de suas partes íntimas. Geralmente, os balizadores esbanjam propositalmente uma sensualidade, deduzo isso pelas coreografias com apelos pélvicos, de quadris e de nádegas para o alto. Algumas vezes, os *viadeiros* que assistem as apresentações se pegam silenciosos vendo esses atributos, na tenuidade do desejo e o escárnio no meio da performance.

Passam muitas fanfarras, todas elas com homens negros cumprindo funções de balizadores, mores, pelotão coreográfico, pelotão cívico ou estandartes. A audiência relativa às *churrias*, para os mais *fechosos*, a interação é imediata, cumprindo uma saciedade da expectativa de grupos de *viadeiros* que se juntam no lócus esperando os balizadores. É, de forma latente, uma demarcação geográfica do *fechar* como em nenhum lugar do desfile cívico. É o ponto em que se finca o laboratório social da

etnografia da *fechação*, onde esses sujeitos alcançam a glória em aparições repentinas, como estrelas cadentes, que na medida em que os blocos das bandas se distanciam, vão levando consigo a magia da *fechação*.

Ao fim das performances, me pergunto o que os *viados de fanfarra* estariam pensando neste momento. Quem eram aqueles jovens homens negros que *fechavam* no Beco do Rosário e qual sentido atribuíam a esses atos em momentos tão ímpares? Como se dá o ordenamento da vida performada, das representações na vida cotidiana após o ato performático, na confecção social de máscaras, nos tensionamentos, estratégias de sobrevivência e de socialização com o diverso a partir dos desdobramentos desses status temporário de *fechação* à marca de suas vidas?

A *churria* teve como fio condutor outros aspectos que dizem respeito às sociabilidades desses sujeitos. Guilherme, por ser uma “criança viada”; Reinaldo, pelo convívio entre os *viadeiros*, logo observado em seu retorno após o término do desfile para ser abraçado e parabenizado pelo *viadeiro* no Beco do Rosário; Ícaro, pela fanfarra ser “*logo ali, no Canela*”<sup>22</sup>, remetendo a uma relação de reconhecimento e identificação espacial.

A *churria*, aqui colocada como critério de seleção dos balizadores como tipos ideais weberianos (WEBER, 1979), funciona em diferentes sentidos para os sujeitos do campo, podendo significar, a depender da circunstância, constrangimento, escrachamento e jocosidade de partes, enaltecimento dos balizadores, identificação com o status adquirido ou incentivo para mais ação ou admiração.

A categoria êmica *churria* (usada como critério e princípio organizacional no trecho do desfile no Beco do Rosário) e as regras e códigos do *viadeiro* (entendido como espaço de sociabilidade dissidente numa celebração cultural de rua, imbricados na manifestação que aparenta ser, a olhos despretensiosos, balbúrdia ou mero aglomerado) são incorporados a aspectos metodológicos da pesquisa. Há uma resignificação do estigma impregnado, agora, adotando a balbúrdia como critério de sociabilização do meio, a partir de códigos, práticas e condutas que fortalecem um território identitário: o Beco do Rosário como lócus da *fechação* dos *viadeiros* no Desfile Cívico de Dois de Julho em Salvador.

Para que haja a *churria* que possa ser organizada por Hilda entre o *viadeiro*, é necessário que haja a segunda categoria êmica prevista como ato que aciona o

---

<sup>22</sup> Fala de Ícaro quando pergunto de onde é fanfarra dele. Ícaro se refere à região do Canela, bairro de Salvador, próximo à Avenida Sete de Setembro, onde o desfile cívico acontece.

dispositivo da *churria*, um gerador de alegria, entusiasmo, descontração e impressões, ou seja, a performance entendida, a partir daqui, como *fechação*. Uma equação entre *churria/fechação/viadeiro* completam o sentido da performance. A dissertação que originou este artigo dedica-se à compreensão dos sentidos e significações que essas equações causam na vida social performada dos balizadores<sup>23</sup>.

Em minha contestação empírica, os balizadores são um “estado performativo”, como um objetivo para alcançar o ápice e a glória. As aparições coloniais (FANON, 2008), repletas de estigmas pré-concebidos, reforçados inclusive pela raça, fazem com que as expressões desses corpos se diluam na abstração de um ser liminar, temporário e cadente no momento da performance, sendo o gênero fechativo (ARRUDA, 2017) aquele que promove uma alta interação com a audiência (*churria*) – provocando, assim, a *fechação*. Já os “viados de fanfarra” são marcadores sociais criados através do desdobramento dessas performances em suas vidas, como um “tipo de viado”.

Recorrendo aos meus cadernos de campo do ano anterior, sobre o Desfile Cívico de Dois de Julho de São Félix/BA, enquanto estou conversando com alguns colaboradores de campo na concentração, passa uma fanfarra escolar dentro de um ônibus e, ao me avistarem, acionam a *churria* em minha direção. Este acontecimento de campo, contido na dissertação original, denominei de “*churria* do etnógrafo” e aqui considero oportuno desvelar uma síntese das problematizações decorrentes do fato.

A desterritorialização, inspirada nas perspectivas filosóficas pós-estruturalistas, aqui exemplificada no episódio da “*churria* do etnógrafo”, diz respeito a essa denúncia pública por parte dos músicos em deparar-se com um corpo dissidente, mas com outras funcionalidades. Na antiestrutura social, os balizadores acabam sendo figuras naturais nos bastidores do espetáculo. São figuras esperadas, encarnadas como essência das celebrações, a graça das festividades, contraponto ao “normativo” ali representado por mim. Estava trajando calça e camisa neutra, apenas conversando com alguns colaboradores quando fui *churriado*, ou seja, neste lócus eu era o desvio, a liminaridade. Esse sentido é demarcado no entendimento do território atmosférico da *fechação*. Fui denunciado por ser, levando em consideração minha performatividade afeminada (NOLETO, 2017), *viado* e não por ser de fanfarra. Um balizador, usando roupas justas ao corpo e com muito brilho de purpurina, não seria *churriado*.

---

<sup>23</sup> Para esclarecer as distinções entre ‘significação’ e ‘sentido’, utilizamos a conceituação desenvolvida pelo antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira, para quem ‘sentido’ “consagra-se ao horizonte semântico do ‘nativo’”, enquanto ‘significação’ designa o olhar do pesquisador, “que é constituído por sua disciplina”(CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000, p. 22).

A *churria* é denúncia de um *viado* no território efêmero da *viagem* que compõe o imaginário dos desfiles cívicos no Recôncavo da Bahia. Eu, pesquisador-viado, mesmo não sendo um balizador de fanfarra, sou um potencial “fechativo”. Isso é interessante para inspirar as cadeiras de princípios operatórios da audiência frente a essas performances que desobedecem e ressignificam papéis de gênero.

Alguns pontos de compreensão destes fenômenos me levam a crer que os balizadores de fanfarra exercem nos agenciamentos performativos, mesmo que de forma inconsciente, atos políticos de (des)alienação da própria condição de subalterno. Tornam-se sujeitos que constroem autonomias de suas aparições públicas, recorrendo a meandros de essencialismos estratégicos (HALL, 2006), criando antídotos com o próprio veneno, codificados através da própria *fechação*.

O ovacionamento do público mesclado à interação com o balizador estabelece uma relação afetiva de reconhecimento público de suas vidas, de toda uma expectativa e esforço empreendido em seu cotidiano, como aponta Dé no documentário *Balizas Encenam* (2010) “*Fanfarra, para mim, eu acho que é tudo na minha vida. Enquanto eu tiver vida, estarei na frente de uma fanfarra*”.

O processo dessa contestação, ou assimilação, codifica os processos de construção de sujeitos raciais e sujeitos sexuais. Sujeitos de raça e gênero que são produzidos, fabricados, que não são pré-existentes, que não caíram do céu, mas que são frutos da história, das lutas e dessas relações complexas entre agentes sociais, discursos e instituições. [...] Então, práticas de subalternização, de submissão, de controle, produzem sujeitos subalternos. Mas esses sujeitos, é importante perceber isso, também são sujeitos de contestação, de subversão e de insubmissão que constroem contra-hegemonias [...]” (PINHO, 2004, p. 129).

A investigação sobre os *viados de fanfarra* nos faz percorrer possibilidades vastas de análise neste campo frutífero, a produzir descrições tensas (DAWSAY, 2013) que geram compulsoriamente outros problemas, sejam de gênero, raça ou sexualidade destas expressões culturais, mas que também desorganizam, fragmentam e reelaboram as concepções de mundo. Este fenômeno é um fragmento do espetáculo da vida social e que geram vazões para outras pesquisas.

Infelizmente, não consegui expor toda a densidade do processo ritual deste fenômeno neste pequeno artigo, porém a pesquisa que o originou empreendeu esforços para compreender as formas segundo as quais são desencadeadas outras *fechões*, no “entre” performances do ato espetacular aos sentidos de existências, agências e significações nas performances da vida cotidiana desses “viados” negros de fanfarra na Bahia.



## Referências Bibliográficas:

- ARRUDA, Murilo Souza. *O corpo e o gênero fechativo pelas ruas de Salvador*. 2017.
- BUTLER, Judith. *Gender trouble*, 2nd. New York and London: Routledge, 1999.
- CABRAL, Lara Cristina. *Linha de Frente das Bandas Marciais em Goiânia – Corpo Coreográfico – Onde Surgiu e Onde Estamos*. Trabalho apresentado para obtenção do título de Pós-graduação Lato Sensu em Pedagogias da Dança II pelo Centro de Estudos Avançados e Formação Integrada (CEAFI/ PUC - GO), 2012.
- CAMARGO, Robson. Milton Singer e as Performances Culturais: Um conceito interdisciplinar e uma metodologia de análise. *Revista Karpa*, v. 6, 2013.
- CAMPOS, Nilceia Protásio. O aspecto pedagógico das bandas e fanfarras escolares: o aprendizado musical e outros aprendizados. *Revista da ABEM*, v. 16, n. 19, 2014.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, v. 2003, p. 165, 1990.
- CONCEIÇÃO, Joalice Santos. *Duas metades, uma existência: produção de masculinidades e feminilidades na Irmandade da Boa Morte e no Culto de Babá Egun*. 2011.
- DAWSAY, Jhon. Descrição Tensa (Tension-ThickDescription): Geertz, Benjamin e Performance. *Revista de Antropologia*, v. 56 nº 2, São Paulo. USP, 2013.
- FANON, Frantz. *Peles Negras, Máscaras Brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: *A Interpretação das Culturas*. 1ed. Rio de Janeiro: LTC, p. 3-21, 2008.
- GERMANO, José Willington. *Estado militar e educação no Brasil (1964 -1985)*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- GIDDENS, Anthony. *A construção da sociedade*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- GONZATTI, Christian; MACHADO, Felipe VieroKolinski. Notas sobre o espalhamento da criança viada na cultura pop digital brasileira. *Revista Periódicus*, v. 1, n. 9, p. 248-267, 2018.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tupy Kurumin, 2006.
- NONATO, Murillo N. *Problemas de Gênero dxs Afeminadxs*. Salvador/BA. 2017.
- OLIVEIRA, Carlos Edinei de. Imagens do Civismo: Os Desfiles Cívicos em Região de Colonização Recente de Mato Grosso, em Tempos de Ditadura Militar. *Anais do VII Congresso Brasileiro de História da Educação*. 2013.
- PINHO, Osmundo. *A guerra dos mundos homossexuais–resistência e contra-hegemonias de raça e gênero*. Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde, p. 127-133, 2004.
- SCHECHNER, Richard. *Between Theater and Anthropology*. Philadelphia: The University of Pennsylvania Press, 1985.
- SINGER, Milton. *When a great tradition modernizes*. 1972.
- TIBURI, Marcia. *Como conversar com um fascista*. Editora Record, 2015.
- TURNER, Victor. “Liminality and Communitas”. In: *The Ritual Process: Structure and Anti-Structure*. Ithaca, New York: Cornell University Press. 1969b. In: DAWSEY, John. *Victor Turner e A Antropologia da Experiência*, cadernos de campo, 2005.